

AVANÇOS NAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DA AVALIAÇÃO

Jussara Hoffmann¹

Sobre a avaliação

Para se debater o sistema de avaliação das aprendizagens, primeiro é preciso compreender o termo “avaliar” com a amplitude que lhe é de direito: o ato de avaliar compreende a) um grande conjunto de procedimentos didáticos; b) de caráter multidimensional e subjetivo; c) que se estendem por um tempo longo e ocorrem em variados espaços; e d) que envolvem todos os sujeitos do ato educativo de maneira interativa.

Decorre daí que a avaliação não se reduz a testes, provas ou exercícios (estes são **instrumentos** de avaliação). Muito menos se deve nomear por avaliação os boletins, as fichas, os relatórios, os dossiês dos alunos (que são **registros** de avaliação).

Instrumentos e registros fazem parte da metodologia, que, por sua vez, sofre variâncias dependendo da concepção de avaliação a que está atrelada: concepção classificatória ou concepção mediadora.

A metodologia em avaliação está fundamentada em valores morais, concepções de educação, de sociedade e de sujeito. Concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido. Uma concepção classificatória tem por finalidade selecionar, comparar, classificar. É seletiva por natureza e, por decorrência, excludente. Uma concepção mediadora tem por finalidade observar, acompanhar, promover melhorias de aprendizagem. É de caráter individual (não comparativa) e baseia-se em princípios éticos, de respeito à diversidade. Visa, desse modo, uma educação inclusiva no seu sentido pleno – de acesso à aprendizagem para todos e por toda a vida (projeto de futuro).

É preciso, então, pensar primeiro em como os educadores pensam a avaliação antes de se debater metodologias, instrumentos de testagem e formas de registro. Reconstruir as práticas avaliativas sem discutir os princípios essenciais deste processo é como preparar as malas sem saber o destino da viagem.

¹ Jussara Hoffmann é Mestre em Educação pela UFRJ. Atuou como Professora da Faculdade de Educação da UFRGS até 1996, dando continuidade à sua carreira como Consultora Educacional de escolas e universidades em todo país. É autora de várias obras sobre Avaliação Educacional e Educação Infantil e Diretora da Editora Mediação em Porto Alegre, especializada em livros para formação de professores.

Sobre os seus princípios

Alguns princípios são pilares da avaliação mediadora:

- a) todos os alunos aprendem sempre (princípio ético de valorização das diferenças);
- b) aprendem mais com melhores oportunidades de aprendizagem (princípio pedagógico de ação docente investigativa);
- c) aprendizagens significativas são para toda a vida (princípio dialéticos de provisoriedade e complementaridade).

A avaliação da aprendizagem, mais especificamente, envolve e diz respeito diretamente a dois elementos do processo: educador/avaliador e educando/avaliando. Alguém (educando) que é avaliado por alguém (educador). Trata-se portanto de uma relação dual – o que significa que o professor é diretamente responsável pelas ações focadas em cada aprendiz.

Mesmo que o educador trabalhe com muitos alunos, sua relação, no processo avaliativo, se estabelecerá de forma diferente com cada um deles. Por meio da ação mediadora e da sua intervenção pedagógica, ele estará afetando vidas e influenciando aprendizagens individuais. Da mesma forma, cada aluno irá estabelecer maiores ou menores vínculos intelectuais e afetivos com cada professor, resultando em atitudes e respostas diversas por parte destes.

Assim, o processo avaliativo mediador é sempre de caráter singular no que se refere aos estudantes, uma vez que as decisões avaliativas (inclusivas ou excludentes) afetam individualmente os sujeitos educativos. Todo processo avaliativo tem, portanto, por intenção:

- a) observar os aprendizes um por um;
- b) analisar e compreender suas diferentes estratégias de aprendizagem;
- c) delinear estratégias pedagógicas que favoreçam a melhoria de suas aprendizagens.

Avaliação como processo encerra obrigatoriamente os três tempos: observar, analisar e promover melhores oportunidades de aprendizagem.

Não se pode dizer que se avaliou apenas por observar ou conhecer os alunos. Ou denominar por avaliação apenas a correção de seus testes e o registro das notas, porque, nesse caso, o processo reduz-se ao julgamento.

Se a observação ou correção de tarefas não resultou em decisões pedagógicas sobre a continuidade do processo ensino-aprendizagem, esta metodologia não cumpriu sua finalidade essencial. Avaliar na perspectiva mediadora significa agir no sentido de alcançar a superação intelectual dos alunos.

A diferença, por vezes, não está nas metodologias ou nos instrumentos, mas na finalidade com que os utilizamos. Pode-se registrar os dados dos alunos para classificá-los (concepção classificatória) ou registrá-los para melhor compreender seu jeito de aprender e atuar pedagogicamente em seu benefício (concepção mediadora).

O essencial é ter clareza dos princípios que fundamentam as ações. As metodologias e instrumentos sofrem mudanças quando se alteram as concepções.

Sobre os avaliadores

Ser avaliador é conhecer, compreender, acolher os alunos em suas diferenças e estratégias próprias de aprendizagem para planejar e ajustar ações pedagógicas favorecedoras a cada um e ao grupo como um todo. O objetivo de promover melhores condições de aprendizagem resulta em mudanças essenciais das práticas avaliativas e das relações com os educandos, uma vez que toda observação ou “exigência” do professor passa a vir acompanhada de apoios, tanto intelectuais quanto afetivos, que possibilitam aos alunos superar quaisquer desafios. Cuidar mais de quem precisa mais e por mais tempo é missão do avaliador.

Nesse caso, nenhuma atenção aos alunos é considerada em demasia (como às vezes se fala, de “alunos que tomam tempo”), seja em termos de estratégias de sala de aula, ou de apoio pedagógico de qualquer natureza.

No sentido de sua sistematização, cabe ao avaliador a) programar com intencionalidade clara (quais aprendizagens estão sendo investigadas?); b) tarefas avaliativas frequentes menores e gradativas; c) analisá-las imediatamente; e d) replanejar a ação educativa de modo a alcançar o avanço de todos os alunos.

Tratando-se a avaliação de um “processo”, caracteriza-se pela provisoriedade e complementaridade da ação educativa: toda a resposta do aluno é sempre ponto de partida para novas aprendizagens; a aprendizagem só pode ser acompanhada no sentido longitudinal, pois envolve construção e reconstrução de conhecimento.

Bimestres, trimestres, semestres e anos letivos são delimitações burocráticas. Não são determinantes da sistemática da avaliação. O processo avaliativo se desenvolve em paralelo ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Anotações sobre o desempenho bimestral de alunos, por exemplo, são pequenas “paradas” de um trem em movimento, ou seja, momentos de o professor dar notícias sobre o caminho percorrido pelo aluno até aquele ponto. Da mesma forma, o significado essencial desses registros é o de servirem como pontos de referência para a continuidade das ações educativas, do próprio professor ou de professores que lhe sucederem, quando são feitos ao final de anos letivos.

Sobre o caráter subjetivo e multidimensional da avaliação

O olhar avaliativo mediador é multidimensional. Vislumbra inúmeras dimensões e possibilidades de aprendizagens. É um olhar curioso que não parte de parâmetros predeterminados, mas se abre ao inesperado, ao surpreendente de cada aprendiz. Significa fazer muitos desafios e provocações para saber o que o aluno conhece, sem limites, sem determinações. Essencialmente, para caminhar com ele em direção ao inusitado.

Olhar que busca outros olhares, além disso. Cada um vê por onde pode. Pessoas diferentes olham para o mundo de jeitos diferentes (subjetividade). Olhares múltiplos, são, por isso, complementares e enriquecedores. Reúnem conhecimentos, experiências, sentimentos diversos que se contrapõem e derrubam verdades arbitrárias.

Transformar a avaliação em processo objetivo, preciso, padronizado é deturpá-la em seu significado essencial – de humanidade. O processo avaliativo mediador só sobrevive por meio do resgate à sensibilidade, do respeito ao outro, da interatividade e pela pedagogia do diálogo.

De fato, a avaliação mediadora consubstancia-se no contexto próprio da diversidade. É angustiante saber que milhares de crianças e jovens têm, em pleno século XXI, sua aprendizagem validada por dados numéricos, por médias aritméticas, por estatísticas, e tal fato ser considerado (ingenuamente) uma

avaliação precisa e justa. Aprendizagens significativas não são mensuráveis (caráter quantitativo), mas são de natureza qualitativa. E qualidade é coerência, riqueza de conhecimento, precisão de idéias. Dimensões que são sempre evolutivas e que exigem o caráter interpretativo (não apenas corretivo) do avaliador. O sentido da avaliação mediadora é o de promover uma diferença “sensível” no aprendiz – o que não pode ser medido ou padronizado.

Sobre os aprendizes

É preciso valorizar (para além de respeitar) as diferenças individuais sem jamais perder de vista o contexto interativo. Escola é sinônimo de socialização, de interação entre diferentes. Só existe escola para que muitas e diferentes crianças e jovens possam conviver, trocar experiências, aprender com “os outros” e a viver com “outros”, a tornar-se cidadão.

Todo a relação de saber se dá a partir da interação do sujeito com os objetos de conhecimento, da relação com os outros e da relação consigo próprio segundo Charlot (2000). Significa que cada aluno, interativamente, descobre o mundo a sua própria maneira, diferente e única. Mas aprende o mundo de forma mais rica e desafiadora na medida de sua maior socialização e da cooperação dos adultos que mediam seu saber. Desenvolve-se, ainda mais, quando interage com o diferente, com pessoas de idade, gênero, etnia, experiências de vida, sentimentos e desejos diferentes dos seus.

Na heterogeneidade de uma turma de alunos se expressam as singularidades, uma vez que se revelam as opiniões dissonantes, os conflitos, os diferentes jeitos de fazer, de falar, de sentir, se forem criadas as oportunidades para tal.

É função primeira da avaliação a promoção permanente de espaços interativos sem, entretanto, deixar de privilegiar a evolução individual ou de promover ações mediadoras que favoreçam o avanço do grupo.

Uma avaliação justa respeita a diversidade. Todos os aprendizes têm direito a condições dignas de aprendizagem. O que não significa condições iguais. Condições dignas são as que levam em conta a diversidade de etnia, crenças, valores, deficiências, jeitos e tempos de aprender.

Concluindo

A avaliação mediadora se dá no cotidiano do fazer pedagógico. É observação-reflexão-ação – energia constante que faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Embasada nos princípios a seguir, ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo:

a) o princípio ético de respeito às diferenças individuais: a intenção do professor de desenvolver estratégias pedagógicas desafiadoras para cada aluno, sem perder de vista o todo e agindo com base nas manifestações singulares de aprendizagem;

b) o princípio pedagógico de investigação docente: cuidar mais e mais tempo de quem precisa mais. Um olhar múltiplo que lhe permite abarcar os vários interesses e tempos e as múltiplas dimensões de aprendizagem a serem favorecidas: as relações afetivas, a alfabetização, as questões atitudinais...

Em síntese e com base em tais pressupostos até aqui delineados, o processo de avaliação mediadora tem por intenção essencial promover melhores oportunidades de desenvolvimento aos alunos a partir de desafios intelectuais permanentes e de relações afetivas equilibradas.

Referências

- HOFFMANN, Jussara. *Avaliando redações: metodologias e instrumentos de avaliação*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- _____. *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013b.
- _____. *Avaliação mito e desafio: uma perspectiva* 44. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014a.

- _____. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014b.
- _____. *O jogo do contrário em avaliação*. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014c.
- _____. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 15. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014d.
- _____. O cenário da avaliação no ensino de ciências, história e geografia. In: SILVA, Janssen Felipe da Silva et. al. (Orgs.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo*. 10 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- _____. Evaluación mediadora: una propuesta fundamentada. In: AJINOVICH, Rebeca (Comp.) *La evaluación significativa*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- _____. Avaliar para promover: compromisso deste século. In: DEMO, Pedro et. al. *Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.